

ARTIGO | *PAPER*

**A ARQUEOLOGIA DO LIXO NO “QUARTO DE DESPEJO”:
MATERIALIDADE E CRÍTICA SOCIAL APREENDIDAS ATRAVÉS
DO LIXO CATADO POR CAROLINA MARIA DE JESUS**

***THE ARCHEOLOGY OF GARBAGE IN “QUARTO DE DESPEJO”:
MATERIALITY AND SOCIAL CRITIQUE LEARNED THROUGH THE
GARBAGE PICK UP BY CAROLINA MARIA DE JESUS***

Vanúzia Gonçalves Amaral^a

^a Mestre em Ciência Política e Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Antropologia/Arqueologia - PPGAN/ Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG (pesquisa sem financiamento).

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o livro “Quarto de despejo – diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus como uma experiência arqueológica profunda. Para tal contam-se os resíduos recicláveis, restos alimentares e outros objetos. A partir da materialidade apreendida no diário de Carolina chega-se na crítica social que ela faz da injusta sociedade brasileira. Sobreviver em meio à muita desigualdade, racismo e violência pode indicar uma boa pesquisa de arqueologia do lixo, mas também nos faz conhecer o “Quarto de Despejo” como um lugar social, de identidades e sobrevivência. Carolina sabe falar.

PALAVRAS-CHAVE

Arqueologia do Lixo; Cultura Material; Aprendizado; Carolina.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the book “Quarto de despejo - diário de uma favelada” by Carolina Maria de Jesus as a deep archeological experiment. To this end we enumerate the recyclable wastes, food scraps and other objects. From the materiality of the Diary we arrive at Carolina’s deep critique of the unjust Brazilian society. Surviving amidst so much inequality, racism, and violence give us clues for a good research of the archeology of garbage, but it also makes us aware of “Quarto de Despejo” as a social place, that builds identities and survival. Carolina’s diary points to a path where we must “unlearn” many things about the Other. Carolina can and does speak.

KEYWORDS

Garbage Archaeology; Material Culture; Learning; Carolina.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

AMARAL, Vanúzia Gonçalves. A arqueologia do lixo no “Quarto de Despejo”: Materialidade e crítica Social apreendidas através do lixo catado por Carolina Maria de Jesus. Cadernos do Lepaarq, v. XIX, n.38, p. 106-123, Jul-Dez. 2022.

Muitas fugiam ao me ver...

Muitas fugiam ao me ver
Pensando que eu não percebia
Outras pediam pra ler
Os versos que eu escrevia
Era papel que eu catava
Para custear o meu viver
E no lixo eu encontrava livros para ler
Quantas coisas eu quiz fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascer
Num país que predomina o preto
Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E deixo esses versos ao meu país
Se é que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde o preto é feliz.

Carolina Maria de Jesus, em “Antologia pessoal”.
(Organização José Carlos Sebe)
Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é “escavar” alguns itens do livro “Quarto de Despejo”. Identificar lixos, restos alimentares e outros objetos que compõem o cotidiano de Carolina Maria de Jesus para assim compreender um pouco mais sobre sua narrativa marcada por uma intensa e densa crítica social. Uma “escavação arqueológica” no “Quarto de despejo”¹ se justifica por vários motivos. É um livro clássico, traduzido para vários idiomas², publicado pela primeira vez em 1960 e informa, em formato de diário, como é a vida cotidiana de Carolina e seus modos de escrever. Dia após dia vê-se em seu registro material, um diário (que poderia ser um caderno de campo?) com detalhes

1 Em 1983 Carolina Maria de Jesus foi interpretada pela atriz Rute de Souza num especial produzido pela Rede Globo de Televisão que se chamava —Caso Verdade—. É uma ótima oportunidade de ver um resumo da história de uma mulher inesquecível na voz e no corpo de uma atriz espetacular. Pequeno resumo de —Quarto de despejo— pode ser visto neste link <https://youtu.be/Dbw3csCl9lo> (consulta em 07/02/2021)

2 Foi traduzido para 13 idiomas e publicado em mais de 40 países, como Estados Unidos, França, Itália, Japão, Cuba e Tchecoslováquia. <https://www.otempo.com.br/diversao/quarto-de-despejo-da-mineira-carolina-maria-de-jesus-completa-60-anos-1.2361191> (consulta em 29/11/21).

peculiares sobre a sua luta por sobrevivência. Esta luta é travada reaproveitando os restos da cidade de São Paulo através de uma atividade bem comum nos dias atuais, especialmente entre parcelas mais pobres da população, a catação de materiais recicláveis. Assim, constata-se ser possível fazer arqueologia do lixo em aterros sanitários de cidades grandes, em lixões ou em livros que contam sobre vidas e lixo e vidas no lixo.

Carolina nasceu em Sacramento/MG e desde jovem foi morar em São Paulo. Era solteira e teve três filhos: Vera Eunice, João José, José Carlos. Além dos filhos, outros personagens, como vizinhos e autoridades políticas da época – entre 1955 e 1960 - aparecem no “Quarto de Despejo”. A narrativa, ora linear ora interrompida bruscamente, fornece dados para uma experiência arqueológica profunda. Data e hora em que saiu de casa, a busca pela água, a atividade de catação de materiais recicláveis – papéis, latas, ferros, estopas, sapatos usados e restos de comida encontrados em lixeiras – estão bem registrados. As experiências de Carolina nos faz pensar em muitas paisagens da cidade e na luta por sobrevivência, mas sobretudo, nos faz tentar entender a cultura material como detentora de “capacidades” explicativas para determinados modos de vida como nos indicam Rathje (1979), Lima (1996; 2011) e Harrisson (2018), por exemplo.

Os resíduos, estes restos gerados e descartados em grandes cidades, são recursos com grande potencial explicativo dos modos de vida urbanos. No entanto é necessário pensar nas armadilhas que os lixos, os resíduos ou refugos indicam como detentores de compreensões visíveis ou fáceis. Alguns significados que os resíduos parecem demonstrar precisam ser aprofundados. Os resíduos não são uma fotografia instantânea. Trata-se assim de pensar as dimensões da vida social que os resíduos escondem: injustiças, desigualdades, preconceitos, interdições. É necessário conhecer a cadeia produtiva e saber sobre escolhas políticas e econômicas por determinadas matérias primas. Algumas escolhas políticas, promovidas por autoridades, não raro promovem exclusão de pessoas, comunidades e os condenam a viverem dos restos em paisagens alteradas e poluídas.

Na rotina diária de Carolina tem-se endereços exatos e outros locais aparecem apenas com indicações imprecisas como “segui até o final da Rua Tiradentes”. Alguns fatos apresentam uma orientação aos leitores (e às vezes os desorienta). É possível pensar nos “sítios arqueológicos” de Carolina como lugares bastante conturbados em termos materiais e sentimentais. Pessoas, sentimentos e lixos embotados ou amontoados na mesma paisagem.

Tanto Thomas (2014) quanto Ingold (1993) tratam as paisagens para além de “construída” e “não construída” e assim propõem superar a dicotomia convencional (e persistente) entre componentes naturais e artificiais. As paisagens são sempre humanizadas e também contam histórias, mas essa observação não é tão óbvia. Pensar os registros materiais e a vida das pessoas ao mesmo tempo são desafios que podem superar não só a escola cartesiana de pensamento, mas tentar entender tudo e todos como fundamentalmente ligados e inacabados: as pessoas, a terra, o lugar e as substâncias materiais.

Os registros materiais de Carolina vêm junto com seu discurso forte e de forma direta, sem meias palavras. Ela fala sobre a injustiça social, a fome e denuncia as condições desiguais de vida

que se produzem e reproduzem. O livro tem uma narrativa autêntica, densa, avassaladora. Às vezes fica-se com tonturas, não como aquela relatada pela fome que assola Carolina e seus filhos, mas aquela provocada pela indignação diante de relatos crus da realidade social, que mantêm a desigualdade como tônica principal do país, e há séculos, se aprofunda.

Carolina embaralha o leitor em sua cronologia. Às vezes é linear, afinal de contas deve-se supor linearidade em um diário. Podemos tentar “escavar” com alguma exatidão: o local, o dia, a hora, a quantidade de material reciclável recolhido e o total de recursos arrecadados com a venda dos resíduos. Esses dados estão bem registrados. Às vezes a marcação dos dias se interrompe, aparecem saltos e descontinuidades. Em outros dias a rotina é desconsiderada ou não relatada porque as brigas dos vizinhos da favela do Canindé, as questões políticas do país, uma notícia que leu nos jornais ou alguma doença toma maior importância e ganha relevância na sua narrativa. Consultando o diário é possível conhecer o dia a dia por imersão e às vezes por indução. Sabe-se que saiu para trabalhar embora não conte sobre os papéis ou sucatas catadas e comercializadas. Às vezes, só interessa à Carolina contar que sobreviveu a mais um dia. Como uma caçadora coletora das grandes cidades, ela catou lixo e coletou mais um dia de vida.

“Escavar” o “Quarto de Despejo”, exumar o lixo, saber sobre dinheiro arrecadado, a alimentação do dia, rotina dos filhos ou alguma observação que ela faz sobre a vida - e ela faz muitas - é uma tentativa de conhecer Carolina um pouco melhor, e assim conhecer o Brasil. Em suas páginas acessa-se as formas de organização política, social e econômica do país que têm sido a de produzir e reproduzir uma legião de Carolinas, a maioria delas, infelizmente, sem um diário que se tornou *best-seller*.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

A arqueologia que pretende-se fazer no dia a dia de Carolina faz pensar se realmente é possível catalogar, listar, enumerar, inventariar seus lixos e recursos. O lixo não é um problema em si, para Carolina é uma solução para sua sobrevivência. Entretanto, ao longo de dias e dias resalta-se em seus escritos seu desejo por mudança. Seja “uma casa de alvenaria”, refeições completas ou mudar de vida simplesmente. Um bom exemplo desse desejo está registrado em 08 de agosto de 1959: “Se Deus auxiliar-me hei de sair daqui, e não hei de olhar para trás.”

Alguns relatos históricos tratam o lixo como um problema, “*out of sight, out of mind*” (MELOSI, 2005), (RATHJE e MURPHY, 2001). Um problema para quem e para qual lugar? Existem pessoas nas sociedades atuais que sobrevivem exclusivamente através do manejo do lixo (catação, triagem, comercialização, reuso e reciclagem). Assim, saber a origem (produção das coisas que se tornam lixo e ações de descarte) é um caminho para se tentar entender certas práticas culturais.

Não resta dúvida que é de suma importância coletar os “dados” do Quarto de Despejo. Seria bom se fosse possível catalogar e interpretar tudo que ela apresenta e criar um Museu

Carolina ou registrar o “Quarto de Despejo” como um sítio arqueológico? Fazer esta arqueologia do lixo catado por Carolina é deixar sua poesia e prosa guiar a uma escavação e a uma conversão. Esta conversão significa entender de vez que certas realidades “só” precisam ser transformadas. Essa transformação, obviamente, passa por mudar radicalmente condições sociais, econômicas, realidades materiais e usos de matérias primas.

O método de “escavação” é simples: leitura e anotação da atividade do dia, sintetizando algumas atividades do ano trabalhado, conforme exemplo abaixo:

Ano 1955: Total de dias trabalhados na rua:	Material reciclável coletado:	Dinheiro arrecadado com a comercialização dos material reciclável:	Compras/ganhos (alimentos adquiridos, catados no lixo ou ganhos):
--	-------------------------------	--	---

Assim obteve-se resultados anuais de 1955 até 1960 (tempo descrito no diário de Carolina).

Sínteses representam escolhas orientadas por interesses de pesquisa. Delimitações, contar quantidades e tipos de artefatos e consequentes interpretações, deixa-se claro, são ações marcadas por objetividades limitadas e entrecortadas por subjetividades latentes. Como informa Santos (2002), descrição e explicação andam juntas. Assim, quando descrição e explicação se separam temos como consequência paisagens isoladas como pano de fundo, peças ou artefatos fora de contexto cultural, por exemplo.

Quantidades e qualidades variam ao longo da narrativa e retratam como é o fluxo da vida de Carolina, da sua família e amigos (ou inimigos) da Favela do Canindé. Os dias são diferentes embora as pessoas, os conflitos na favela e na cidade, os relatos sobre a fome, a precariedade de seu trabalho, a falta de saneamento, a fome e a violência apareçam como problemas rotineiros, crônicos e até naturalizados.

Como bem afirma Tania Andrade Lima, atualmente os estudos de cultura material têm uma natureza transdisciplinar que pesquisa a produção material da humanidade passada e contemporânea (LIMA, 2011, p.12). Assim aprendemos com as dimensões atemporais de Carolina. E sua cultura nos ensina sobre políticas públicas, gestão de resíduos em cidades, saúde, moradia e violência em regiões pobres e outras. Os vestígios de Carolina são ricos, entretanto engajar-se com eles não significa que teremos a mesma experiência que ela. Pode-se empreender que sua experiência e seus objetos nos proporcionam aprendizados e significados diferentes daqueles que ela apresenta em seu diário. Entretanto, ressaltando-se a dimensão da vida material como indutora de aprendizagens, no caso específico de análises de resíduos recicláveis em grandes cidades, prepara-se aqui para apurar os sentidos, sentir náuseas e odores impregnados de matéria orgânica em decomposição e muita injustiça social. Ressalta-se porém que essas experiências de “sujeiras” iluminam a arqueologia (RATHJE, 1979) e propicia-se até poder enxergar os invisíveis, como Carolina alerta em inúmeras vezes.

CATANDO LIXO E FAZENDO CRÍTICA SOCIAL – AS TRAJETÓRIAS INCERTAS DE CAROLINA

Os cadernos de campo de Carolina são preciosos. Seus registros estão em estado bruto assim como seus relatos sobre as suas necessidades, as urgências dos filhos e as sensações ou tonturas provocadas pela fome. Seus cadernos relatam um campo de guerra e luta diária pela sobrevivência. Tem poesia e crítica social na intensidade de um furacão e na densidade e incômodo de um esgoto a céu aberto.

A apuração do dia a dia de Carolina é uma tentativa de avançar no entendimento de partes da vida pela apreensão do significado de alguns artefatos. A cultura material, segundo Lima (2011) é produzida para desempenhar um papel ativo e é usada tanto para afirmar identidades quanto para dissimulá-las. A cultura material marca também as diferenças sociais. Assim, a história da vida dos objetos não é estática, como não é estática a vida nos muitos “quartos de despejos” existentes no Brasil.

Uns produzem lixos e outros sobrevivem destes restos. A cultura material é um guia que proporciona algum entendimento sobre como se reforçam as dominações e se reafirmam resistências, além de negociar posições e demarcar fronteiras sociais (RATHJE, 1979); (RATHJE e MURPHY, 2001); (SHANKS et al., 2004); (LIMA, 1996; 2011); (HARISSON, 2018).

Poesias e narrativas sobre sentimentos bons ou ruins não são tão facilmente formatáveis. O objetivo é, tão somente, registrar alguns detalhes ou objetos que compõem o cotidiano de Carolina. A conexão é entre a materialidade que alimenta sua poesia e sua poesia que retroalimenta o dia a dia. Essa conexão faz o leitor pensar nas coisas, no lixo, nos recursos financeiros, mas principalmente, nas frustrações, desesperanças, transformações e sonhos.

Com Carolina é tudo simultâneo. Ao mesmo tempo que conta os trocados do dia para comprar o pão para os filhos, ela justifica a compra de “uma média” na padaria para não cair de fome e empresta 5 Cruzeiros para a vizinha buscar a filha no hospital. E junto com tudo isso, premia o leitor com “gostaria de recortar um pedaço de céu para fazer um vestido”

As quantidades de dias narrados são irregulares. Obviamente os cadernos de campo de Carolina passaram por uma edição para publicação. Mas as permanências de alguns materiais e rotinas fazem pensar somente que certas edições, embora necessárias, correm sempre o risco de privar a leitura do essencial e daí a necessidade de “escavar” os diários originais³. Nota-se que o repórter Audálio Dantas conta no prefácio do livro que leu vinte (20) cadernos/manuscritos de Carolina e selecionou os trechos mais significativos. Ele justifica na apresentação do livro que a publicação de todos dos dias seria “exaustivo”. Outra observação que Dantas faz diz respeito à letra “nervosa” de Carolina (na reportagem da Revista O Cruzeiro de 06 de junho de 1960). Refere-se ainda aos seus versos como “quadrinhas ingênuas”. Faz uma crítica à experiência de Carolina sobre as divisões que ela enxerga no mundo: Carolina retratava os mundos distintos e desiguais e não deixava de marcar as diferenças entre gente pobre e gente rica e entre gente boa e gente ruim.

3 http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1352132/mss1352132.pdf No acervo da Biblioteca Nacional é possível acessar alguns manuscritos digitalizados. (Consulta em 15/08/2021)

Fica-se assim a pensar no sítio arqueológico de Carolina Maria de Jesus: o “Quarto de Despejo” é, primeiramente, um lugar ou uma paisagem social com diferenças na sua constituição e de difícil mapeamento. Ressalta-se que Hilbert (2016, p.269) nos alerta para uma definição de sítio arqueológico como uma construção localizada na paisagem. Embora nem sempre enfrente-se bem o que é resultado da ação humana e aquilo que pertença ao espaço natural, Carolina induz a uma caminhada de romper com essa postura dicotômica e simplificada de separar humanos e natureza. Hilbert (2016) avança ainda na árdua teorização dos sítios arqueológicos em espaços urbanos, justificando sua necessidade de exemplificação e teorização.

A síntese apresentada a seguir é uma tentativa de enumerar o dia a dia de Carolina e por conseguinte pensar ingenuamente no sítio arqueológico “Quarto de Despejo” como aquele lugar onde seria possível entender sobre os humanos e os objetos (ou resíduos) de forma separada. Todavia, Carolina nos ensina que está tudo misturado: mesmo quando ela nos diz exatamente o contrário (“preciso limpar o barraco”).

Assim vislumbra-se a ampliação de algumas possibilidades de entendimento quando enxerga-se contextos, amontoados, imbricações e conexões de forma conectada. E é assim que Carolina se faz guia em seu diário. Siga os dias narrados. São todos intensos e densos com amontoados de sentimentos, resíduos, alimentação, coisas e relações em decomposição e outros farrapos.

Embora a síntese apresentada esteja configurada com linhas e colunas separadas, compreende-se, mesmo que parcialmente, as conexões dos objetos, recursos financeiros, alimentação e outras práticas de Carolina e seus filhos.

ANO (Dias trabalhados na rua)	MATERIAL RECICLÁVEL	DINHEIRO ARRECADADO	COMPRAS OU “GANHOS” – itens predominantes
1955 (7 dias)	Papeis, Umas latas, ferros, dois sacos de papel, lenha	333,00 Cruzeiros	Pão, leite e sabão
1958 (70 dias)	Papeis, ferros, latas, estopas	2.268,00 Cruzeiros	Pão, leite, arroz e sabão
1959 (22 dias)	Papeis, ferros, estopas, papelão	1.050,00 Cruzeiros	Pão, carne, sabão, arroz, querosene
1960 (1 dia)	Não informa	Não informa	Não informa
TOTAL (100 dias)	Predominante: papel	3.651,00 Cruzeiros	Predominante: pão

Quadro-Síntese: Dias trabalhados na rua, Materiais recicláveis coletados, dinheiro arrecadado e itens predominantes em “compras e ganhos”.

O diário de Carolina começa em 1955 e assim, contando dia a dia, entende-se um pouco sobre suas vivências e seus registros materiais como relevantes para esta experiência arqueológica.

Em 1955 são relatados apenas treze dias do ano – de 15 a 28 de julho. Em sete (7) dias

aparecem atividades realizadas na rua, com informações sobre os materiais recicláveis catados: o papel é predominante, embora apareçam sucatas ferrosas e vidros. Ela arrecadou Trezentos e Trinta e três Cruzeiros com a comercialização destes materiais, além do sapato que catou e “presenteou” sua filha Vera Eunice no seu aniversário. Não existe precisão sobre “quantitativos” de materiais coletados. Termos como “uns ferros”, “lenha” ou “papeis” são comuns. Raramente são encontradas quantidades ou especificidades como “2 sacos de papel”. A coluna “compras/ganhos” é a tentativa de demonstrar algumas rotinas alimentares, de higiene e como alguns itens são predominantes.

As quantidades bem definidas aparecem nos itens de alimentação que foram comprados. A rotina está totalmente demarcada pela quantidade de dinheiro arrecadado com o trabalho. Em 15 de julho, por exemplo, ela arrecadou 65 Cruzeiros e comprou “20 Cruzeiros de carne”, “1 quilo de toucinho”, “1 quilo e açúcar” e “6 Cruzeiros de queijo”. (...) “E o dinheiro acabou-se” (...).

Itens “ganhados” também aparecem e estão marcados pela incerteza e volatilidade de algumas tradições assistencialistas: Em 16 de julho ganhou arroz, feijão e macarrão do centro espírita.

A vida de uma mulher mãe de três filhos menores aparece claramente quando constatamos que o alimento mais citado em 1955 é o pão (aparece em cinco dos treze dias relatados) e depois o leite (aparece em três dos treze dias relatados). Carolina demonstra ainda uma preocupação bem instigante com a limpeza do barraco, a lavagem das roupas e a higiene do corpo. “Estou suja” é uma expressão recorrente, assim como “não lavei roupas porque não tinha sabão”. Aliás, o sabão é um item bem presente entre seus objetos comprados (aparece duas vezes, empacotado com o açúcar).

Vida limpa e doce é um sonho de Carolina, amparada por valores pequenos burgueses. A ordem corporal e social de que trata Tânia Lima (1996) é o relato da emergência de novas configurações sociais e políticas que tem na experiência da “limpeza” do corpo uma série de significados, limites e divisões culturais. Algumas condutas são compartilhadas em todas as camadas sociais e a limpeza é aceita como ação correta entre vários segmentos significando boas intenções e consciência coletiva. Não raro refere-se a “consciência limpa”. A limpeza tem esse significado moral que informa sobre valores, ações e modos de vida. “Pobre porém limpinha” é um elogio para muitos. Carolina acreditava nesse significado.

O ano de 1958 é relatado de forma mais longa. Carolina conta sobre exatos cento e setenta e quatro dias (174) do ano. O diário começa em 02 de maio e vai até 31 de dezembro. Desses 174 dias têm-se 70 dias trabalhados na rua com relatos sobre materiais recicláveis catados, alimentos recuperados do lixo ou adquiridos e dinheiro arrecadado. Nos outros dias não aparecem anotações sobre o material reciclável coletado, coisas ganhadas, compradas ou dinheiro arrecadado. No entanto, sabe-se, pela sua narrativa, que ela saiu para trabalhar, mas não registrou os materiais e as outras rotinas. Em alguns dias fica claro que ela não saiu de casa. Estava doente ou fazendo outras atividades como lavando roupas, pegando a fila da água de madrugada ou levando o filho no Juizado de Menores.

A soma dos recursos arrecadados no ano de 1958 é de Dois Mil, Duzentos e Sessenta e Oito Cruzeiros. Em alguns dias ela chega a detalhar a procedência do dinheiro e separa as fontes dos recursos. No dia 14 de agosto arrecadou 135 Cruzeiros, sendo 15 Cruzeiros de venda no depósito, 20 Cruzeiros no “Seu Rodolfo” e mais 100 Cruzeiros de um material reciclável que coletou na Rua Porto Seguro. No dia 18 de agosto também há um detalhamento dos recursos: “55 Cruzeiros referente ao papel que coletou na Dona Julita” e “191 Cruzeiros recebidos com a venda que fez para o depósito do Sr. Manoel”. Ressaltam-se como bastante relevantes as reflexões a respeito do dia a dia e da economia: “o que é que se compra com 55 Cruzeiros?” em 18 de agosto. Em 12 de junho: “só 12 Cruzeiros” e em 8 de julho: “só 23 Cruzeiros”. Sua compreensão sobre valor e preço das coisas é muito bem elaborada.

Rotineiramente são captadas as suas impressões sobre os altos preços dos alimentos e a impossibilidade de garantir alimentação e moradia digna para ela e os filhos apenas com o que consegue arrecadar com a catação dos materiais recicláveis. Reaproveitar alimentos deteriorados no lixo, receber alguma doação de amigos, desconhecidos ou do centro espírita da Rua Vergueiro, nº103, são fatos recorrentes.

Em 26 de julho cataram linguças no lixo do frigorífico e verduras na feira. Este “reaproveitamento” forçado de alimentos descartados no lixo é acompanhado por preocupações: “e se estiver envenenado” ou “porque tanta injustiça e desperdício”? Ao comprar o arroz da COAP em 20 de agosto, o mais barato, porém “velho e com gosto de terra”, denuncia também sobre a qualidade de políticas de abastecimento para pessoas pobres. Ou seja, não existe política. O pão, o leite, o arroz e o sabão são os materiais mais citados neste ano.

Aparecem também em 1958 narrativas mais longas que revelam com detalhes sórdidos algumas brigas na vizinhança ou rotinas como as horas do dia em que se dedicou à leitura, à escrita ou a fazer um almoço completo quase como uma declaração de amor aos filhos. Em 01 de junho: “Fiz almoço: arroz, feijão, linguça e repolho”. Este almoço com quatro pratos a fez “ficar rindo à toa”.

Alguma exatidão, assim como no ano de 1955, tem-se nos itens comprados. Um pão em 6 junho; meio quilo de carne em 23 de junho ou dois ovos em 20 de setembro são momentos de rara precisão e certeza na incerta vida de Carolina. A compra ou “ganho” destes itens de alimentação são seguidos por reflexões como “as crianças ainda ficaram com fome” ou “temos só isso”. E “não é o suficiente”.

Permanecem também, mais presentes do que em 1955, suas preocupações com a limpeza do seu corpo, da casa e das roupas. Em 22 de julho: “se estou suja é porque não tenho sabão”. E logo após, em 24 de julho, “três semanas sem lavar roupas por falta de sabão” e em 13 de agosto: “depois fui lavar roupas”. Estas preocupações de Carolina com a limpeza e a relação delas com sua atividade – catação de materiais recicláveis – e suas condições precárias de habitação – barraco sem esgotamento sanitário e água potável – podem impelir a se pensar como as condições sociais estão demarcadas por valores polarizados entre limpo e sujo. Ela relata sua experiência no elevador da Rua Porto Seguro em 14 de agosto: “(...) no elevador o senhor olhou-me com

repugnância” (...) “já estou familiarizada com estes olhares”.

Resta pensar se a repugnância é por sua condição de estar fisicamente suja – ela recolhe material reciclável – ou se é por sua condição social – mulher, pobre, negra e favelada, ou por ambas as condições.

As questões sobre poluição, sujeira, limpeza, ordem e desordem são temas clássicos. Mary Douglas (1966, p.30), relativizou o conceito de sujeira/impureza e nos deu um excelente exemplo: “estes sapatos não são sujos em si mesmos, mas é sujo pô-los sobre a mesa de jantar”. Assim, ela deixa claro que esses conceitos expressam ou exprimem simbolicamente as relações entre diferentes elementos da sociedade. São reflexos de uma organização hierárquica, válida para todo o sistema social.

Carolina entrou no elevador da Rua Porto Seguro e o senhor demonstrou-lhe repugnância. Vimos assim o deslocamento de algumas matérias e pessoas. Aos olhos daquele senhor, Carolina estava fora do seu lugar social. Assim como os sapatos, ela estava deslocada.

Entretanto ela enfrentou os olhares e pensou sobre os significados das hierarquias sociais, os lugares e as divisões do mundo marcadas por contrapontos entre sujo e limpo, feio e bonito, ordem e desordem e outras.

O ano de 1959 começa em 1 de janeiro e vai até 31 de dezembro. No entanto, a edição dos diários foi bem mais audaciosa do que a edição do ano de 1958. Muitos dias, às vezes meses completos, foram cortados da publicação.

Neste ano têm-se um total de setenta e três (73) dias descritos e em vinte e dois (22) dias é encontrada alguma referência ao material reciclável que foi recolhido, dinheiro e alimentos. Ou seja, em cinquenta e um (51) dias do ano de 1959 aparecem outros dados, conflitos latentes e análises de Carolina sempre entrecortadas por críticas à situação política do Brasil. Ela refere-se à alguns grupos pouco aptos para enfrentar injustiças e alguns políticos despreparados para a realidade desigual do país. O trabalho dos políticos, ela ressalta, trata-se somente de fazer os pobres ficarem mais pobres e sem esperança. Em 4 de janeiro Carolina deixa-nos claro esses sentimentos de tristeza e falta de esperança: “Antigamente eu cantava. Agora deixei de cantar, porque a alegria afastou-se para dar lugar a tristeza que envelhece o coração”.

Asoma dos recursos arrecadados com a comercialização dos materiais recicláveis e doações em 1959 é de Um mil e Cinquenta Cruzeiros. Nota-se desequilíbrios consideráveis nas origens das receitas. Em 07 de agosto está declarada uma doação de 500 Cruzeiros de Dona Terezinha Becker. Até então esta “benfeitora” não havia aparecido nos relatos dos anos anteriores. Dona Terezinha, naturalmente, foi ovacionada como a “mãe branca de Carolina”.

Mais uma vez, coerente com os anos anteriores, encontra-se alguma exatidão nos itens comprados ou ganhados: “comprou um tinteiro e duas agulhas” em 02 de junho; “meio quilo de carne” em 30 de junho e “10 Cruzeiros de açúcar” em 02 de julho. Os itens pão, carne, sabão, arroz e querosene são os mais presentes nas rotinas de “comprados ou ganhados” de 1959. Mais uma vez, a alimentação com itens básicos além de sabão e querosene para algum conforto são predominantes. Com isso enxergamos a materialidade do “Quarto de Despejo” impregnada

de necessidades elementares. Os “achados” no lixo como pares de sapato e alguns alimentos também permanecem.

Os relatos sobre o “quase” triângulo amoroso entre Carolina, o cigano - Sr. Raimundo – e o Sr. Manoel no diário de 1959 é mais uma tempestade de sentimentos somados a outros conflitos na conturbada vida de Carolina. A dúvida sobre casar-se ou não com o Sr. Manoel é sempre orientada por pensar a sua liberdade e as vantagens e desvantagens do casamento.

Ao longo de todo ano de 1959 são apresentados mais relatos, sentimentos e sensações bastante desagradáveis e diretas sobre a fome, o racismo e o desânimo diante da vida. Ela protesta diante do pífio resultado financeiro da venda dos materiais recicláveis. O dinheiro é pouco e as necessidades são muitas. Impossível garantir a subsistência dela e dos filhos. É possível perceber-se, também, em vários dias, a revelação de sua moral um tanto conservadora sobre o caráter e as práticas dos vizinhos, além da frustração com os políticos e as eleições. Em 06 de maio relata a experiência de ser fotografada por um repórter sentada na escadaria da Academia Paulista de Letras. Era a preparação para a publicação de uma reportagem que sairia na Revista “O Cruzeiro” em junho. A vida de Carolina passada nas ruas da cidade demonstra sua intimidade relacionada com a caótica cidade de São Paulo dos anos 1950.

Durante as madrugadas Carolina demonstra como se habita um barracão de lonas e “arrumado” com algum papelão. Os efeitos das chuvas são relatados em 5 de janeiro: ... “Está chovendo. Fiquei quase louca com as goteiras nas camas, porque o telhado é coberto com papelões e os papelões já apodreceram (...)”. No mesmo barracão ela demonstra suas ideias, sentidos e maneiras de fazer literatura. Ela lê e escreve de madrugada como relata em 17 de janeiro de 1959: “deixei o leito às 4 horas, quando ouvi o rádio do vizinho tocando. Comecei a escrever” (...).

Em 31 de dezembro comprou arroz, sabão, querosene e açúcar e pediu a Deus que o ano de 1960 fosse melhor que 1959.

Em 1960 há apenas um dia narrado: 01 de janeiro. “Levantei as 5 horas e fui carregar água”. Finda-se aí o diário de Carolina. Mas lendo e relendo é possível saber um pouco mais sobre lixo e reciclagem, restos alimentares e desperdício. Sabe-se mais ainda, por sua linguagem crua e direta, que a desigualdade é um mal profundo que assola o Brasil há séculos. A fome, presença constante e ameaçadora de todos os dias, orienta e desorienta as práticas do dia. Inúmeras vezes Carolina conta que “está nervosa” porque não têm alimento para os filhos ou está “desanimada”. Entretanto, ela não desiste e vai trabalhar nas ruas assim mesmo. Ela se benze quando está indisposta, não dispensa as doações de alimentos do centro espírita e a catação de restos alimentares no frigorífico. Um outro lugar de aprendizagem sobre a rotina de Carolina é a fila da água. Esta rotina, inclusive, marca o único dia narrado em 1960. Ainda de madrugada, enquanto enchem as latas de água para consumo e tarefas domésticas, conversam sobre as intrigas e diferenças entre os homens e as mulheres, além de atualizarem os assuntos da política. Conversam sobre Jânio, Ademar de Barros e se a bala deveria ou não ter acertado o Carlos Lacerda.

Afloram na fila, (a fila é um lugar simbólico importante – qual é nosso lugar na fila?) as

reflexões e debates sobre o desejo de mudar da favela Canindé, ter uma casa de alvenaria e se é possível insistir no direito de sonhar.

CONSIDERAÇÕES

Está claro que a publicação do livro trouxe mudanças posteriores a 1960 de acordo com relatos de vários estudiosos de Carolina Maria de Jesus (ARRUDA, 2011); (CORONEL, 2014); (PENTEADO, 2016). No entanto, existe uma ideia implícita de continuidade na narrativa. O ano de 1960 se encerra com apenas um dia relatado e assim parece-nos que nada mudou.

Carolina é uma conhecedora da cidade e de suas formas de organização e exclusão. E ela nos ensina que mesmo de um lugar improvável é possível fazer literatura. Elabora análises finas e traça suas considerações contra o projeto modernizador e excludente do presidente Kubitschek. Da mesma maneira, denuncia as artimanhas de Adhemar de Barros e os impropérios de Jânio Quadros. Espera-se que uma mulher que frequentou apenas dois anos de escola formal e favelada não faça muitas prescrições sobre a vida. No entanto ela as faz e com propriedade. Não esconde suas críticas aos políticos e tem opiniões contraditórias sobre alguns estrangeiros, judeus e ciganos.

No “Quarto de Despejo” são apresentados caminhos para desaprender sobre o outro e aprender sobre e com Carolina. Ela narra sobre seu barraco, seu lixo catado com tanta dificuldade, suas agruras e seus sonhos. Sua prosa e seus versos têm valor e alcance para além da favela. Em “Pode um subalterno falar?” Spivak (2010) fala sobre as formas violentas de repressão dos sujeitos subalternos, especialmente das mulheres. Carolina escancara estas formas violentas que constroem mulheres subalternas e uma vez subalternas, sempre subalternas. Para isso, ela usa e abusa de seus objetos: lixos, alimentos, lápis para escrever e livros para ler. São objetos “testemunhos de sua história”. Vive e sobrevive, fala, briga, se desespera e sonha entre livros e lixos. E assim, pela sua escrita em prosa e verso, ela sai desse lugar subalterno. Sua história é também seu discurso, sua consciência sobre seu lugar no mundo e suas necessidades expressas de uma forma que extrapolaram a favela e ganham o mundo. Esse seria o melhor resultado da arqueologia do lixo de Carolina. Para além de materiais representativos de uma realidade, têm-se vestígios duradouros e acessíveis.

Um dos tradutores de Carolina para o idioma inglês – David St. Clair – traduziu o “Quarto de Despejo” como “Child of the Dark: The Diary of Maria de Jesus. Ele diz que o maior personagem do diário é a fome e outros personagens são consequência da fome: prostituição, violência, alcoolismo e assassinato. Parece que o tradutor parou em algumas palavras e sequer enxergou Carolina como protagonista/narradora/detentora da sua própria história. Carolina Maria de Jesus nos ensina sobre seu modo de vida, como vivem e sobrevivem. É claro que seu gosto pela leitura e pela escrita (em verso ou prosa) são suas estratégias que denunciam violência e opressão. Segundo Loredana Ribeiro (2017, p.80), “estratégias de desobediência, existência e persistência”

de determinadas mulheres são tornadas invisíveis em contextos sociais e, às vezes, em contextos de pesquisa acadêmica. Daí é mais urgente que a Ciência seja, pelo menos, não racista e não sexista. Assim não se para em determinadas palavras ou na análise de determinados vestígios bem localizados.

Spivak (2010) discute outros contextos sociais de exclusão de mulheres. Esclarece que pessoa subalterna é aquela pertencente às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos do estrato social dominante. Ser mulher nessa condição agrava ainda mais a forma de “poder falar” e se consegue falar, não se é ouvida. Carolina, no entanto, reluz em meio a milhões de mulheres “mudas”, “invisíveis” e “insignificantes” para as camadas sociais altas. Ela é autêntica e contra hegemônica.

As críticas de Carolina aos modos de se viver no Brasil não são subalternas e muito menos insignificantes. Afinal de contas é uma mulher negra e favelada que fala com autoridade contra as desigualdades, a violência, a fome e a miséria tão próprias do sistema capitalista.

Essa continuidade de práticas capitalistas que geram violência e pobreza nos faz ver uma estrutura persistente e resistente e, por outro lado, indica-nos uma responsabilidade: É possível saber onde estão e como se expressam as milhares de Carolinas que existem e resistem no Brasil? Como estão fomentando a vida e deixando vestígios?

Antônio Bispo dos Santos (2015) em “Colonização, Quilombos, modos e significados” oferece uma ótima e esperançosa resposta sobre as experiências de parte do povo brasileiro que ele chama de “contra colonizadores”. Bispo afirma que os povos pindorâmicos e os povos africanos foram unificados pelos colonizadores e reduzidos à “índios” e “negros” para facilitar o apagamento de identidades e tornar a dominação eficiente. Entretanto, em meio aos mais perversos contextos de racismo, discriminação e estigmas, esses povos múltiplos são totalmente capazes de compreender, conviver e relatar as complexas questões brasileiras, especialmente aquelas relacionadas com as “sucessivas ressignificações” das identidades.

Para Bispo, temos no Brasil muita resistência e insurgência. Podemos ver essas experiências relatadas na sua escrita que desmonta as estratégias coloniais de dominação. Ele guia-nos aos modos de vida quilombolas e relata a capacidade de readaptação dos povos tradicionais em territórios retalhados, descaracterizados e degradados pelo estado brasileiro. E a despeito de toda a violência dos povos colonizadores, que ele trata como monoteístas, algumas tradições têm se mantido num sistema de convivência e repartição de bens que ele chama de biointeração. Uma das formas de resistência e insurgência exemplificadas por Bispo é alguma interlocução das linguagens orais com a linguagem escrita dos colonizadores. Parece-nos precipitado dizer que Carolina e Bispo se encontram como sujeitos protagonistas e narradores da própria luta?

Eles são autônomos e falam a partir de contextos historicamente silenciados. É certo que ambos lutam num mundo desigual uma luta por visibilidade através da escrita. A forma de escrever é uma estratégia clara de resistência. Cada um, na sua singularidade, destaca formas de expropriação não só no campo material (a casa, o território, a posse das riquezas produzidas pelo

trabalho) mas, acima de tudo, os significados simbólicos (a produção de escrita de qualidade fora do mundo acadêmico e literário seguida de muita dificuldade de reconhecimento).

É sempre necessário dizer que Carolina é pessoa real, de carne, ossos, sentimentos e contradições. Mais humana e solidária é difícil de encontrar, nas páginas de livros ou na vida real. Manifestações de solidariedade e compreensão das agruras e fomes dos outros estão narradas em vários dias. Carolina ensina e aprende com os outros. Em 28 de maio de 1958 “tenho só três Cruzeiros, porque emprestei 5 para a Laila ir buscar a filha no hospital”. Em 20 de novembro de 1958 “(...) se for criança eu vou atravessar o Tietê para retirá-la e se for preciso nadar eu entro na água”. Em 23 de fevereiro de 1958: “O baiano...disse-me que estava sem comer. Dei-lhe 25 Cruzeiros”.

Alguns personagens que aparecem no diário tem seus nomes, apelidos e endereços revelados, sabe-se onde trabalham, se catam papel, se vão à missa ou ao centro espírita. Alguns são até protegidos por iniciais, (como o pai de Vera Eunice) mas são facilmente encontrados nas tão desiguais cidades brasileiras. São personagens reais, semelhantes ou com as mesmas marcas de tantos outros. Todas as pessoas que aparecem no diário de Carolina tem lastro ou deixam vestígios.

Algumas experiências vividas por Carolina são narradas tendo o clima como personagem. A catação dos materiais recicláveis, às vezes, é realizada no calor do sol ou na chuva. O frio também a incomoda. A solidão das madrugadas, onde o lápis e o caderno são os materiais principais, é seu momento preferido de escrita e leituras em jornais e livros que ganhava ou catava no lixo. Nestes momentos os sentimentos transbordam da realidade material formada por restos e carências afetivas e ganham vida literária.

Carolina apresenta reflexões sobre quase todas as questões importantes para se viver na cidades. De fornecimento de água potável e visitas de políticos que vão às favelas apenas em períodos eleitorais até no caos das cidades e “reformas” urbanas excludentes. Aqui parece que suas críticas sociais densas se encontram com os territórios *retalhados, descaracterizados e degradados* tratados por Bispo dos Santos (2015).

Seus relatos direcionam o pensamento a lugares, sentimentos e pessoas periféricas. Ela é certa ao contar sobre o “zoneamento” ambiental e social da cidade de São Paulo: Em 15 de maio de 1958: “Eu classifico São Paulo assim: O palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”. São Paulo se organiza assim e as demais cidades parecem seguir o “modelo” paulista. Obviamente, há muitos “quartos de despejo” pelo Brasil a dentro. Desse modo, Carolina define o “quarto de despejo” como lugares que a cidade cria: “a favela é o quintal da cidade onde jogam os lixos” e é também o lugar social dos pobres e miseráveis.

É certo que existem muitas Carolinas que catam sua sobrevivência a partir do reaproveitamento e reciclagem dos resíduos⁴. Algumas destas Carolinas conseguem contar sobre

4 O Movimento Nacional do Catadores de Recicláveis — MNCR — criado em 2001, estima que existam cerca de **800 mil catadores e catadoras** em atividade no país, a maior parte dos catadores são do gênero feminino, cerca de 70% da categoria. Os catadores são responsáveis pela coleta de 90% de tudo que é reciclado hoje no Brasil. <http://www.mncr.org.br/sobre-o-mncr/duvidas-frequentes/quantos-catadores-existem-em-atividade-no-brasil> (consulta em 01/08/2021)

sonhos e realidades. Entretanto, outras estão silenciadas e escondidas na rotina de violência, luta pela sobrevivência e reprodução de condições precárias de vida.

Nesta experiência arqueológica não se pode retirar a terra que cobre os artefatos e fotografá-los como se faz (minimante) numa escavação arqueológica. Por outro lado, pode-se fazer, segundo Rahtje (1979), a conexão ousada que a arqueologia faz como sua característica definidora: um foco na interação entre cultura material, comportamento humano e ideias, independentemente de tempo ou espaço. A conexão ou integração que Carolina nos proporciona é a simultaneidade. Tudo acontece ao mesmo tempo e num piscar de olhos é possível perder-se nos vestígios do “quarto de despejo”.

Os restos retratados no “Quarto de Despejo” são produções capitalistas. Resíduos e pessoas que podem ser esquecidas e descartadas facilmente. Esta temática relacionada a vidas jogadas no lixo é bem tratada por Bauman (2005) em “Vidas Desperdiçadas” e em “Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadoria” (2008). Ele alerta para vidas desperdiçadas e descartáveis na mesma velocidade estonteante que se consome e se descarta coisas na expectativa de ser feliz. Essa velocidade abrevia a distância entre um produto e a lata de lixo. Resta-se pensar na instabilidade em preferir alguns itens que perdem a utilidade rapidamente, mas continuam em outros cenários integrando processos de reutilização e reciclagem desconhecidos ou invisíveis, na maioria das vezes.

Em 20 de maio de 1958 Carolina faz um alerta: “no nosso país o dinheiro é fraco, a democracia é fraca e os políticos fraquíssimos e tudo que está fraco morre um dia”. Seus vários alertas (às vezes em forma de gritos) dizem claramente que é necessário parar de negligenciar seus artefatos, seus lugares, sua trajetória, suas memórias, seus escritos e sua luta política contra a desigualdade. E seus alertas, através de sua prosa, sua poesia e seu corpo, estão atualíssimos.

Este artigo registrou o material arqueológico do “Quarto de Despejo” numa síntese enviesada e provisória. Óbvio está que a cultura de Carolina é brilhante. Ela fala dos muitos “quartos de despejo” que compõem nossas cidades e fala também da sua condição étnica, social e feminina. Assim, alcança uma multidão de pessoas. Carolina conta, sem meias palavras, (e é imperativo que se aprenda com isso) que não se pode ignorar os descartes da sociedade, sejam restos materiais ou sujeitos tornados periféricos, subalternos e descartáveis. Carolina é resistência – é outra voz a contar histórias reais e autênticas, com sua própria letra, seu corpo, valores e teores – sabe, pode falar e continua falando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a leitura atenciosa das professoras Maria Jacqueline Rodet e Luciana Batista.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Aline Alves. Carolina, uma biografia. Relato fascinante sobre a trajetória de uma escritora necessária. (2011) www.lettras.ufmg.br/literato consulta em 05/01/2021
- BAUMAN, Zygmunt. Vidas Desperdiçadas. Zahar editores, Rio de Janeiro, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.
- CORONEL, Luciana Paiva. A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 44, p. 271-288, jul./dez. 2014.
- DANTAS, Audálio. Retrato da favela no diário de Carolina. In: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 36, 20/06/1959, p.92-98 <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cruzeiro/> acesso em 24/08/2021
- DE JESUS, Carolina Maria. Quarto de Despejo. Diário de uma favelada. São Paulo. 1960.
- DE JESUS, Carolina Maria. Pedacos da fome. São Paulo. Ática. 1963
- DE JESUS, Carolina Maria. Child of the Dark: The Diary of Maria de Jesus (tradutor: David St. Clair) sem referência
- DE JESUS, Carolina Maria. Antologia pessoal. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. (org. José Carlos Sebe).
- DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. Lisboa: Ed. 70, 1966.
- HARISSON, Rodney. Arqueologias de futuros e presentes emergentes. Vestígios - Revista Latino Americana de arqueologia histórica. Volume 12. Número 2-Julho/Dezembro 2018. Publicado originalmente na Revista Historical Archaeological 50 (3) 2016. Traduzido por Mariana Petry Cabral.
- HILBERT, Klaus. Ossos do ofício. Editora Prismas, Curitiba. 2016
- INGOLD, Tim. The Temporality of the Landscape. *World Archaeology*, Vol. 25, No. 2, Conceptions of Time and Ancient Society. (Oct.,1993), pp. 152-174
- LIMA, Tânia Andrade. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, 1996, vol.2, n.3, pp.44-94
- LIMA, Tânia Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Humanas. Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.- abr. 2011
- MELOSI, Martin. *Garbage In The Cities: Refuse Reform and the Environment* (Pittsburgh Hist Urban Environ) Revised Edition (2005) (introduction; Cap. 1: Out the sight, out the mind)
- PENTEADO, Gilmar. A árvore Carolina Maria de Jesus: a literatura vista de longe. *Contempor.*nº49 Brasília. Sep/Dec 2016. <https://doi.org/10.1590/2316-4018492>
- RATHJE, William. "Modern Material Culture Studies. *Advances in Archaeological Method and Theory*, Vol. 2 (1979), pp. 1-37
- RATHJE, William e MURPHY, Cullen. *Rubbish: The Archaeology of Garbage*. The University of Arizona Press. 2001
- RIBEIRO, Loredana. Da praça à cozinha, passando pela sala de jantar: gênero, raça e classe na Pelotas no século XIX – e depois. VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia

Histórica Volume 11 | Número 2 | Julho – Dezembro 2017

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos, Modos e Significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.

SHANKS, Michael; PLATT, David; RATHJE, William L. The Perfume of Garbage: Modernity and the Archaeological - Modernism/modernity, Volume 11, Number 1, January 2004, pp. 61-83 (Article)

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG. (2010).

THOMAS, Julian. Archaeologies of Place and Landscape” In: HODDER, Ian. (ed.) *Archaeological Theory Today*, pp.165-186. Cambridge. Polity. (2º ed. 2014)

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1352132/mss1352132.pdf (Consulta em 15/08/2021)

<http://www.mnrc.org.br/sobre-o-mnrc/duvidas-frequentes/quantos-catadores-existem-em-atividade-no-brasil> (Consulta em 01/08/2021)

<https://youtu.be/Dbw3csCl9lo> (Consulta em 01/08/2021)

https://youtu.be/WYbcq__ObU4 (Consulta em 01/08/2021)

Recebido em: 27/09/2021

Aprovado em: 24/01/2022

Publicado em: 12/12/2022